



**EIXO 8 - TRABALHO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**MÍDIA E CORPO EM ANÁLISE: OBSERVÂNCIAS MUSICAIS E VISUAIS**

Helder Vinicius Farias de Sena<sup>1</sup>

Luciana Monteiro da Silva <sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho é um recorte de um trabalho de conclusão de curso sob o título: “Corpo em reflexo e reflexão: cultura audiovisual contemporânea e processos educativos”, no qual se trata de assuntos referentes ao corpo e os impactos que a estética tem sobre a vida dos indivíduos na atualidade. Segue nesse artigo as análises feitas referentes algumas produções audiovisuais que tiveram e tem impactos sociais durante nossa formação, artistas como Beyoncé, Melanie Martinez, Linn Da Quebrada, além de documentários nacionais e filmes que nos marcaram durante a produção do artigo base, com isso fundamentando a tecnologia como ferramenta de interação e influência social.

**Palavras-chave:** Corpo. Tecnologia. Análises.

**Introdução**

Ao mesmo tempo que a tecnologia nos reforçam vários tipos de estereótipos e padronizações, ela pode ser uma ajuda para auxiliar na desconstrução dos mesmos, tendo em vista que dentro dela existem produções como filmes, séries, vídeos entre outros tipos de alternativas, que ajudam o processo de discussão sobre vários tipos de situações e pautas, nesse trabalho vamos expor algumas produções que nos ajudaram a entender melhor os processos de desconstrução do corpo e da estética. Um dos primeiros trabalhos estéticos que iremos citar aqui, é o da cantora americana Melanie Martinez, seu trabalho vem ajudando vários indivíduos a refletir através de suas músicas e clips, seus álbuns são de imensa crítica social e os cliques não ficam atrás na crítica aos discursos de estética e comportamentos sociais destrutivos, um de seus cliques tem por nome: “*MRS. Potato Head*” (*senhora cabeça de batata*) com

<sup>1</sup> Pedagogo formado pela Universidade Federal de Alagoas, Estudante de pós-Graduação pela instituição FAVENI. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4003250533465097>. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0003-0730-3805>.

<sup>2</sup> Pedagoga formada pela Universidade Federal de Alagoas. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6828752044002921>. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0006-1063-2417>.



5:33 de duração, ela traz a discussão sobre os efeitos destrutivos de propagandas de beleza na vida dos jovens, como pílula de emagrecimento, de cabelo perfeito, sobre silicone.. O clipe se inicia mostrando uma menina que está sofrendo com pressões sociais de beleza, e ela não segue nenhum e tenta se encaixar com adornos que são mostrados em propagandas, posteriormente mostra uma garota que é bonita e conhece uma rapaz, esse homem depois de iniciar um relacionamento com a mesma, ele “propõe” a ela que faça algumas alterações para assim ela ficar mais bonita, ela aceita e se submete a cirurgias plásticas, colocando silicone, muda partes do rosto entre outras coisas, ela fica totalmente enfaixada e ele corta seu cabelo com uma tesoura enquanto ela dorme, portanto o clipe além de falar sobre o perigo da estética, fala sobre os perigos de um relacionamento abusivo, ele compra uma peruca para ela, ao final de tudo tira suas ataduras e vê que o resultado é desastroso, e depois ao olhar pela janela ela simplesmente vê ele cortejando outra mulher assim como fez inicialmente com ela.

O clipe é extremamente reflexivo, com cenas fortes e muito bem colocadas no contexto da letra que faz alusão a um brinquedo dos anos 50 que se podia trocar todas as peças por encaixe, a letra fala sobre uma autoaceitação ilusória que os procedimentos estéticos apontam: “Se você não nasceu com o que quis Você pode comprar alguns pares de enfeites Só não se esqueçam de ler as contraindicações, jovens Porque em breve vocês ficarão entediadas[...]Ei garota, se você quer se sentir atraente Você sempre pode consultar um profissional Eles enfiaram alfinetes em você, tipo um vegetal[...] Oh, Senhora Cabeça de Batata, me diga É verdade que a dor é beleza? Um novo rosto vem com garantia? Um rosto bonito vai tornar as coisas melhores? (Melanie Martinez, 2016).

Ela então traz a alusão sobre essa ideia do consumismo em relação a procedimentos que podem ser destrutivos para nós, e de como a ideia da indústria da beleza que sempre estereotipa padrões para nós, podem nos afetar e nos comprometer fisicamente e psicologicamente, trazer a ideia de “aparência que todos querem ter” é de no mínimo se temer, até que ponto estamos dispostos a nos submeter a situações de risco para alcançar nossos objetivos? o que faremos caso isso seja prejudicial a nós? “É preocupante a forma com que, nossa sociedade



estabelece certo padrão e exige que os sigam. Tornando assim as pessoas que não se encaixam neles excluídas da sociedade, menosprezadas e humilhadas” (Martins, et.al.,2019, p.6).

Outra obra que expomos referente a essa discussão sobre estética do corpo, foi o clipe da cantora americana Beyoncé, que tem por nome “*pretty hurts*” ( a beleza dói/ machuca), com 7:05 de duração o clipe nos mostra um concurso de beleza e de como isso é destrutivo para quem nele está inserido, no caso são mulheres, extremamente magras tendo que manter aquele padrão, tem uma cena em específico mostrando a ingestão de algodão para a absorção de líquidos no organismo, muito usado em distúrbios alimentares graves para manter a forma magra: “Beleza dói, [...] Mamãe dizia: Você é uma menina bonita O que você pensa, não importa Escove seu cabelo, corrija os dentes, O que você veste é tudo que importa É só mais uma etapa O concurso afastará a dor Desta vez, eu vou levar a coroa Sem cair no chão, no chão A beleza dói Mostramos o que temos de pior, A perfeição é a doença da nação , (A beleza dói, a beleza dói), A beleza dói, Mostramos o que temos de pior, Você tenta consertar algo, Mas você não pode consertar o que não pode ver, É a alma que precisa de cirurgia, Cabelo loiro, peito liso, A TV diz que maior é melhor, Praia do Sul, sem açúcar, A Vogue diz que mais magra é melhor, É só mais uma etapa, O concurso afastará a dor, Desta vez, eu vou levar a coroa, Sem cair no chão, no chão, [...] , Não há médico ou remédio que possa curar esta dor, A dor está dentro e ninguém te liberta de seu corpo, É a minha alma, é minha alma que precisa de cirurgia, É a minha alma que precisa de cirurgia, Sorrisos de plástico e negação só te carregam até um certo ponto Mas você quebrará quando a fachada de mentira te abandonar no escuro, você é deixada com um espelho quebrado e os cacos de um belo passado, (Beyoncé,2013). A letra da música em sua totalidade é de extrema reflexão, ela fala sobre influência familiar em relação a estética, influência midiática, e pressões psicológicas sofridas em relação a beleza e a indústria, e como auto nos destruimos por dentro e de como isso pode ser prejudicial a nós mesmo, quando ela fala que é “ a alma que precisa de cirurgia” e “A dor está dentro e ninguém te liberta de seu corpo”, mostrado a nós mesmo que a introjeção é tão grande que só nós temos a possibilidade de nos libertar, porque ninguém pode fazer isso por nós mesmo, trazendo assim a reflexão enquanto

ferramenta de libertação da estética corporal, segundo Arroyo (2017, p.267) “Representamos nossos corpos ora com orgulho, ora com rejeição, em função dos preconceitos que as estruturas sociais e a nossa cultura atribuem à classe, ao gênero, à cor e a idade dos corpos”. Ele ainda nos fala que: “Existe uma tensão entre nossas imagens do corpo como trabalhadores/as, homens, mulheres, negros, brancos, indígenas, jovens ou velhos e as imagens segregadoras que a sociedade joga sobre esses corpos com sua classe, seu gênero, raça, etnia ou idade. Há corpos tratados como estranhos. Até rejeitados. Exterminados”.

O corpo assim como antes falado, é algo muito mais complexo do que normalmente percebemos, o corpo se comunica através de várias linguagens verbais e não verbais, os corpos devem ser colocados em evidência para que se demonstre a diversidade e elas sejam discutidas, hoje em dia com a ajuda da tecnologia vários vídeos como os das artistas mostrados aqui e de vários outros, ajudam a refletir em relação às construções feitas historicamente pela sociedade, ajudando a desconstruí-los, além de outros tipos de produções, como filmes, um bom exemplo é o filme musical “*the greatest showman*” (o rei do show), o filme é muito rico em diversidade por se tratar de vários corpos que são colocados juntos em um circo para a apresentação, e de como eles se ajudam a evoluir enquanto família que foi construída por um acaso, com isso Cavalcante (2019, p.4] endossa que: “O filme enfatiza assim, a luta contra o preconceito, discriminação, o racismo, as desigualdades sociais, o quanto as pessoas que não se enquadram nos padrões da sociedade, tratando também sobre a inclusão das pessoas que são ditas aberrações e fardo para a sociedade, que vivem escondidas por medo do que podem sofrer, tanto de forma física, verbal e psicológica, passando a negar a si próprio”. O filme em si é extremamente notável, gerando pensamentos críticos de forma lúdica, de como as pessoas que tem corpos diferentes não se encaixam na definição de “normal” se sentem, podendo contribuir para um estado psicológico abalado e muito frágil, em várias cenas do filme podemos ver esse lado nos personagens, porém em outras partes vemos a força que a união e o conjunto podem ajudar nessa quebra de auto rejeição, o filme tem uma cena muito importante, é quando toca a música “*this is me*” (isto sou eu), a música em si é de extrema reflexão e pode-se dizer que toca sua alma, acreditamos que todos nós em algum momento



de nossas vidas achamos que somos diferentes ou que não pertencemos a nem um espaço, mas essa percepção de não pertencimento é algo que nos atingem e muitas das vezes não percebemos, o filme traz corpos que socialmente são inviabilizados, no sentido de que eles não saem de casa por vergonha de serem vistos, que são as pessoas com necessidades especiais, inclusive muitas das vezes não vemos estrutura em nossas ruas, para a locomoção de algumas pessoas como os portadores de necessidades físicas, como cadeirantes, e temos calçadas que são enormes, poucas rampas, ruas esburacadas, botando em risco tanto essas pessoas quanto pessoas idosas, então tudo se constrói em torno da não visualização desses tipos de corpos.

Evidenciamos mais um trabalho de Melanie Martinez, dessa vez um filme sob o nome de “K-12” que também é um filme musical no qual ela fala sobre vários tipos de situações em evidência, uma música chamada “Orange juice” (suco de Laranja), é mais uma música sobre o corpo, especificamente distúrbio alimentar, após o capítulo anterior esperamos que a compreensão sobre esse cena seja clara, na cena *Crybaby* (personagem criada e interpretada por Melanie) vai até o banheiro para falar com uma garota que está se deixando levar por garotas que buscam o padrão “perfeito de corpo”, a partir daí ela ouve a menina vomitando na companhia de uma das meninas que estão a influenciar, a música se inicia com as letras muito fortes e muito bem colocadas, nas cenas que sucedem mostra ela trocando de olho, para que uma consiga ver a outra em sua forma total, então ela mostra que não tem nada com o que se preocupar, o filme em si traz várias questões sobre problemas sociais. No refrão de sua música tem uma pequena reflexão com relação a distúrbios alimentares: “[...] Você transforma todas as laranjas em suco, entra no banheiro e as cospe para fora de você, seu corpo é imperfeitamente perfeito, todo mundo quer o que o outro está conseguindo sem mais suco de laranja [...]” (Melanie Martinez, 2019).

Exibindo assim pessoas que vão ao banheiro colocar para fora de si algo que acreditam ser “prejudicial”, acarretando em situações de desnutrição e problemas de saúde posteriores, é necessário que tenhamos um olhar mais sensível enquanto futuro profissionais da educação para esse tipo de situação, algumas vezes não notamos esse tipo de comportamento, entretanto tendo um olhar mais atento, podemos constatar algo que antes passava despercebido, por isso é super necessário



colocar em discursão a relação de corpo, sobre distúrbios alimentares, auto rejeição e aceitação.

### **Corpos e seus respectivos espaços de ocupação e interação**

Falar de corpo, não é simplesmente apenas sobre estética, é sobre lugar de ocupação, é inviabilização de alguns corpos, e falar sobre estética, não só em seu âmbito de beleza, ou de situações que prejudicam a saúde, é sobre corpos que são mortos, são violados, são jogados historicamente na margem da sociedade. Corpos transexuais por exemplo, são esses que vivem à margem da sociedade, sem oportunidades de emprego, sendo muita das vezes a alternativa mais viável de sobrevivência que é a comercialização de seus corpos de formas sexuais, mas o Brasil além de ser o país que mais mata pessoas trans no mundo, com 868 casos nos últimos 8 anos, segundo o “correio brasiliense”.

É aqui então, que o corpo trans deve ser colocado em pauta, além de historicamente renegado, ainda é atingido por diversos tipos de ataques, não só verbais, mas físico, são violados em vários sentidos, simplesmente pela existência. Mc Linn da Quebrada, uma mulher trans brasileira que usa a música para expor suas inquietações, demonstra em suas músicas todos maus tratos que o corpo trans sofre durante sua existência, e em uma de suas produções podemos colocar aqui a que se chama “Mulher”, nessa música ela expressa a manifestação do corpo trans em várias áreas: “De noite pelas calçadas, andando de esquina em esquina, não é homem nem mulher, é uma trava feminina, parou entre uns edifícios “(Quebrada, 2017).

Nesse trecho de sua música, tem seu relato sobre o trabalho que muitas mulheres trans são submetidas, a palavra “trava” que é uma abreviação de Travesti, palavra e expressão nascida na língua portuguesa Brasileira e utilizada para se referir a muitas mulheres trans de uma forma pejorativa, porém é usada pela comunidade LGBTQIAPN+ e por se tratar de uma identidade feminina no recorte brasileiro, para se posicionar politicamente e para a desmistificação marginalizada da palavra.

“[...] Nas ruas pelas surdinas é onde faz o seu salário, Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário, Não tem Deus, Nem pátria amada, Nem marido, Nem patrão, O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário, Ela é tão singular, Só se contenta



com plurais, [...], Ela quer paz, Seu segredo ignorado, por todos até por um espelho, mulher” (Quebrada, 2017).

Quando ela se refere a segredos, ela nos traz a solidão do feminino em todas as suas expressões dentro da sociedade, na qual sua existência é ignorada, que não pode se ter medo de nada, nem o direito à segurança para conseguir seu sustento é garantido, ela além de singular, precisa se contentar com plurais, como violências, servidões, sofrimentos, etc.

“[...] Bato palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar, bato palmas para as travestis que lutam para existir, E a cada dia batalhando conquistar o seu direito de viver brilhar e arrasar, [...], ela é amapô de carne osso, silicone industrial, Navalha na boca, Calcinha de fio dental” (Quebrada,2017).

Mesmo com todos os encaixos, tudo aquilo que faz parte do feminino continua a resistir , deve ser aplaudido por sua existência e sua resistência, sempre batalhando e conseguindo conquistar seu local de fala, quando ela se refere a amapô é uma palavra que faz parte do dicionário Pajubá, inicialmente foi criado para a comunicação das travestis em seus respectivos trabalhos, para se comunicarem de forma segura, amapô significa mulher, então ela fala que: “ela é mulher de carne e osso”, mostrando que independente da aceitação social ou não, a feminilidade daquele ser não vai ser ignorada por ela mesma, que ela continua sendo ela independente de qualquer coisa, porque mesmo com a “navalha da boca”, que é uma forma de proteção, elas não possuem segurança e nem respeito das autoridades, ela continua com sua “calcinha de fio dental” que é a permanência da feminilidade. Em seu clipe, que Linn da Quebrada nomeou como “blasFêmea”, ela fala em uma entrevista que essa obra fala de “mulheres, fala de mulheridades , fala do feminino, e de toda essa diversidade do feminino, de todos esses corpos, e da potência do feminino em cada um desses corpos”

Trazemos também o documentário Gordxs, um documentário de conclusão de curso de Ivson Santo, fala de 4 jovens de Pernambuco, e do lugar de seus corpos dentro da sociedade e da comunidade LGBTQIAPN+, o documentário é dividido em três partes curtas, mas de formas bem clara, nas quais eles iram relatar as suas vivências, a primeira parte fala sobre o corpo, sobre seus corpos e de como se expressavam através deles, nos quais relataram situações de bullying, que muitas das vezes se parece normal, no entanto não se nota que isso causa desconforto extremo no individuo, como Kataria que fala que no passado não se sentia confortável em usar

short porque diziam que ela era “gorda”, mas quando olhou as fotos de sua infância viu seu corpo sob um novo olhar, viu que ela era simplesmente “uma criança” que não era magra como as amigas , no documentário Anico, uma mulher trans não binária fala sobre o termo “cisplay”, que é um termo usado para pessoas que já se entendem como trans, contudo se vê obrigada a opta por uma aparência cisgênero para ocupar algum espaço, ela relata que saindo do trabalho algumas vezes, não se sente confortável indo para universidade por não estar vestida como realmente gostaria. O documentário auxilia em nossas reflexões, exhibe algumas percepções de mundo que talvez antes não tivesse pensado, muita das vezes o nosso corpo termina se tornando um impedimento para que façamos ou ocupemos algum lugar, o documentário vem nos ajudar a lidar melhor com isso, na maior parte de nossas vidas não somos o que queremos, por isso devemos nos amar e resistir juntos, a auto aceitação faz com que aceitemos a complexidade do outro mais fácil e de forma harmoniosa.

Trazemos o recorte de corpo e sua ocupação trazido pela reflexão da música da cantora Pitty, cantora brasileira que impacta gerações com suas músicas que fazem parte do patrimônio do rock Brasileiro, a música "Desconstruindo Amélia" uma música que faz parte do seu álbum: “chiaroscuro” lançado em 2009 que fala sobre a mulher enquanto mãe e os encaixos sociais que as vem acometendo a partir de suas vivências e interações sociais, a canção se é iniciada com o seguinte parágrafo:

Já é tarde, tudo está certo, cada coisa posta em seu lugar, Filho dorme ela arruma o uniforme, tudo pronto pra quando despertar, O ensejo a fez tão prendada, ela foi educada pra cuidar e servir, de costume esquecia-se dela, Sempre a última a sair (Pitty,2009).

Causando reflexão referente a construção da ideia de mulher subserviente, que após ter seu filho necessita se dedicar a ele e a sua casa, na qual ela precisa parar de cuidar si mesma, para assim atender as necessidades que agora será sua prioridade, como deixar tudo arrumado para o despertar no dia seguinte de seu filho, sabemos que cuidar e se dedicar a outro ser humano é gratificante, mas não se necessita a nossa anulação enquanto indivíduo de desejos para que isso ocorra. “ Disfarça e segue em frente, todo dia até cansar, [...], E eis que de repente ela resolve



então mudar, virar a mesa, assume o jogo, Faz questão de se cuidar, [...], nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é o também” (Pitty,2009).

Mostrando-nos que Amélia se cansou de toda a opressão social construída em relação ao comportamento de ser mulher, mãe e trabalhadora, tendo que se submeter a subserviência e a um comportamento de cunho “não convencional”, ela agora se torna uma de suas prioridades, ao se valorizar e ao cuidar de si, de seus desejos enquanto indivíduo social e de direitos para além dos deveres que ela já vinha exercendo anteriormente, a letra nos fala que “nem serva e nem objeto, hoje ela é um também”, pois Amelia cansou de ser tratada como serva no sentido de estar ali o tempo todo para cuidar e servir, e em nenhum momento pensar em si para além de seus momentos com seu filho, ela também teria que lidar com situações acometidas a maioria das mulheres, como por exemplo ser taxada enquanto “objeto” no sentido de perder sua identidade dentro do machismo social, ser assediada assim como uma boa parte da população feminina, ser objetificada sexualmente e ser tratada como “brinquedo”, ela então se torna um ser, o seu também, se colocando socialmente como um alguém social que deve ser valorizado em suas individualidades, sendo assim, também uma prioridade, alguém que tem voz e gostos, que escolhe, e que é o que pode vir a ser se desejar, a letra ainda nos fala que: “A despeito de tanto mestrado, ganha menos que o namorado, E não entende por que, tem talento de equilibrista, ela é muita se você quer saber, [...], Depois do lar, do trabalho e dos filhos, ainda vai pra *nigth* ferver ” (PITTY,2009).

Amélia, além de objetificada e exigida a sua subserviência, mesmo estudada e com mestrado ainda ganha menos que seu namorado, Pitty aqui nos faz refletir em relação a disparidade de salários entre gêneros, como é chamado, machismo estrutural, na qual vamos supor que o namorado de Amélia tenha o mesmo nível de escolaridade que ela, ainda sim ela ganha valor menor que ele, ocupando um mesmo cargo, Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres ocupavam apenas 37,4% dos cargos gerenciais em 2019 e receberam 77,7% do rendimento dos homens. Ou seja, 22,3% a menos, mesmo possuindo inúmeros talentos, Amélia que tinha que equilibrar todas essas coisas após se tornar um "também", vai para a *nigth* (noite), ferver ( expressão para ato de se divertir), Amélia

então é só mais um nome associado a um ser feminino que agora se torna uma representação e reflexão para todas as mulheres e feminilidade que sofrem repressão social e de gênero, e mostram muitas das vezes mesmo sutilmente suas individualidades, com isso Amélia se torna um espectro político de empoderamento e ocupação social, logo que as Amélias possuem corpos, e esse corpo e esses corpos assim como todos os outros (marginalizados, explorados, subjugados e reprimidos) compõem a nossa esfera social devem ser valorizados e representados.

### **Considerações Finais**

Em uma articulação global e padronizada estética, o corpo, mensura e forma um novo sujeito contemporâneo, porém velho em suas dimensões sociais, de gênero, raça e de corpo, um ser que mesmo moderno incorpora culturas excludentes, uma modernidade embasada em processos estéticos enraizados de uma maneira “sutil” e opressora, um dinamismo que nos tornam sujeitos que reforçam os processos estéticos que nos encontramos, portanto a importância da reflexão e do declive destes reforços, praticar novas perspectivas de interseccionalidade de composições corpóreas se faz de uma gritante urgência, poder nos contextualizar, refletir e expurgar para as futuras gerações essas mazelas sociais.

Os estigmas criados socialmente, e que são colocados em nosso cotidiano desde do nosso nascimento, estes não nos definem, e não devem controlar quem somos, a diversidade de opiniões e jeitos nos fazem ser quem somos, interdependente de nossas aparências, raças, jeitos, culturas etc., somos diversidades, em línguas, costumes, aparências, somos a estéticas de nossas vivências, somos as nossas cicatrizes, somos frutos de nossas interseccionalidades. Enquanto educadores não podemos permitir os avanços dos discursos nocivos a sociedade, se faz necessário formar barreiras para aparar e evitar que os paradigmas sociais construídos e impostos durante o período histórico, e nos encontramos nos coloquem em uma caixa considerada “perfeição”, precisamos nos "desconstruir" para que possamos construir uma identidade positiva, no qual pessoas se sintam representadas, não por uma máscara que cobre o rosto, mas por uma forma positiva de manifestação de nós mesmos, fazendo o corpo então se tornar uma representação



de tudo aquilo que nos faz diferentes, não podemos considerar uma falha em nosso corpo, uma marca que nos faz únicos, compreender o corpo em que estamos habitando naquele momento e aprender a aceitar e a respeitar os que viram após ele com o tempo. Quando falamos de corpo, pronunciamos existências e resistências.

Cada corpo com suas características e formas únicas de expressões, fazem o mundo inteiro ser um espaço orgânico, que evidencia as diferenças, e por isso o respeito perante todos os corpos é imprescindível, estamos em uma luta constante para a compreensão e o respeito. Por isso se faz necessário a construção e reflexão, aprofundamento, pesquisa, socialização de leituras e experiências de uma estética positiva, visto que nossos corpos são artificios sociais e políticos, o corpo então deve ser algo a se colocar em pauta, falar sobre as influências que o trouxeram a esse momento e que acarretaram suas cicatrizes externas e internas, é reconhecê-lo enquanto unidade, uma unidade complexa que deve ser valorizada em sua totalidade. Portanto, nossos corpos são expressões e manifestações de toda nossa história enquanto seres sociais, construtores e reprodutores de culturas.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerário pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CAVALCANTE, Francielly Martins. et. Al. *“the greatest showman” ou “O rei do show”: uma possibilidade de trabalhar a identidade positiva e a autoaceitação*, CONEDU,2019

## Links e materiais Audiovisuais

BEYONCÉ. *pretty hurts*, EUA, Columbia Records, a Division of Sony Music Entertainment,2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa-5n5w> acesso em: 26/03/2021.

CUNHA, T. *“Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais”*, Correio Brasiliense,S.D.. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em: 28/03/2021.



MARTINEZ, M. *Mrs. Potato Head*, EUA, Michael Keenan, 2016. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wkri1NUq9ro> , acesso em: 26/03/2021.

*THE Greatest Showman*. Michael Gracey. New York: Fox, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hTLrSTtcrfE>, acesso em: 26/03/2021.

MARTINEZ, M. *Orange Juice*, EUA, WMG (em nome de Atlantic Records); Warner Chappell, LatinAutor - Warner Chappell, CMRRA, UNIAO BRASILEIRA DE EDITORAS DE MÚSICA - UBEM, LatinAutor, BMI - Broadcast Music Inc., PEDL e 6 associações de direitos musicais, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Htalvb61Uk> acesso em: 26/03/2021.

PITTY, *Desconstruindo Amélia*, Chiaroscuro, 2009, Disponível em: [Pitty - Desconstruindo Amélia \(Chiaroscope Oficial\) - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=ptok2ODrEGI), acesso em: 16/05/2021.

QUEBRADA, L. *Mulher*, ONErpm (em nome de 2017 MC Linn da Quebrada), São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo>, acesso em: 07/04/2021.

QUEBRADA, L. *Mulher entrevista*, ONErpm (em nome de 2017 MC Linn da Quebrada), São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ptok2ODrEGI> , acesso em: 07/04/2021.

SANTO, Ivson. *Gordxs Recife*, trabalho de conclusão de curso, 2020, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2CvZZdNmKns>, acesso em: 07/04/2021.

REIF, P. [Conheça as raízes históricas e de resistência do pajubá, o dialeto LGBTQ+ - Trip \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br) UOL, 2019. Acesso em: 22/12/2022

